



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VALMÁRIO HENRIQUE DE BRITO SABINO

(entrevista)

Campos Sales, CE

2023

GEEPRACOR–CEFIS–UNIVASF

FICHA TÉCNICA

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiárido

Número da entrevista: E-709

Nome do/a entrevistado/a: Valmário Henrique de Brito Sabino

Local da entrevista: Campos Sales/CE

Entrevistador: George Almeida Lima

Data da entrevista: 22/06/2023

Transcrição: George Almeida Lima

Copidesque: George Almeida Lima e Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: George Almeida Lima e Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 18 minutos e 5 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SABINO, Valmário Henrique de Brito. Entrevista concedida por Valmário Henrique de Brito Sabino ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: George Almeida Lima. UNIVASF, UFRGS, Campos Sales (CE), 22 jun. 2023, p. 10.

SUMÁRIO

Infância; Formação no karatê; Desenvolvimento do karatê na região; Aspectos socioculturais do karatê na região; Vivência nas artes marciais.

Campos Sales (CE), 22 de junho de 2023. Entrevista com Valmário Henrique de Brito Sabino (V.S) a cargo do pesquisador George Almeida Lima (G.L) para o Projeto Garimpendo Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

G.L – Você sempre morou aqui em Campos Sales?

V.S – Não, morei um tempo no Crato na adolescência, foi quase toda no Crato/CE.

G.L – Mas você praticou karatê aqui ou no Crato?

V.S – Nos dois. Comecei aqui e depois fui para o Crato.

G.L – O que te influenciou a entrar no karatê?

V.S – Foram os filmes de Bruce Lee, os filmes de Kung Fu. Eu assistia muito e na época, aqui já tinha algumas turmas de karatê, e eu era muito amigo do pessoal, aí entrei.

G.L – Quem foi que trouxe o karatê aqui pra Campos Sales?

V.S – Eu não lembro bem quem trouxe, mas Antônio Francisco¹, J. Augusto², foram os mais antigos. Um Batista³ que eu não cheguei a conhecer e Joaquim⁴.

G.L – Mas assim, quem foi que tu viu falar que foi o cara que trouxe? Foi esse aqui que iniciou...

V.S – Não tenho certeza porque não tenho documentado, mas eu acho que foi J. Augusto, Cabo J. Augusto, Cabo da polícia militar. Depois veio Joaquim... É tanto que sempre teve uma pequena desavença em termos de federação. Porque Joaquim sempre

¹ Nome sujeito à confirmação.

² João Augusto de Lima.

³ Nome sujeito à confirmação.

⁴ Francisco Joaquim Mesquita Pinto.

seguia a federação corretamente, era muito ligado. Aí quem tinha um maior poder aquisitivo ficaria com a federação e quem não tinha, procurava academia clandestina. Era um tipo de academia muito boa também, a nível de federação (treinamento), mas não tinha aqueles exames de faixa.

G.L – Aí no caso, J. Augusto e Joaquim, se juntaram alguma vez?

V.S – Sempre tinha uma rivalidadezinha, mas não era aquele negócio de inimizade. quanto tinha alguma apresentação, geralmente um convidava o outro e tudo. Tinha uma certa rivalidade, mas não era ao ponto de ser tão grande.

G.L – Aí quando você começou, você começou na academia de quem?

V.S – Eu era tipo uma tapioca, porque eu nunca tive inimizade, aí eu ia treinar. Treinava um tempo com Joaquim, outro com J. Augusto, outra com Flavão⁵. Agora me dediquei mais e me especializei com Flavão, que me identifiquei mais, por que o estilo dele sempre foi mais moderno e tudo, mas o tradicional era com Joaquim, o clandestino com J. Augusto, e sempre o mais atual, que era combate, era com Flavão.

G.L – Aí com o Flávio era mais combate?

V.S – Sim, o primordial de Flavão era o combate.

G.L – Aí Flávio abriu uma academia em Campos Sales?

V.S – Ele tinha um dojô de treinamento, mas era muito particular, tinha uns alunos... Fazia parte dos dragões, entre aspas, a gente abriu uma turma dragões, aí a gente tinha essa turma dos dragões aí eu sempre treinava com Flávio mais essa técnica de combate. Joaquim era mais o kata, braço... Cada um tinha sua peculiaridade.

G.L – Com que Flávio começou a treinar?

⁵ Francisco Flávio Arrais Gomes.

V.S – Com J. Augusto...

G.L – Aí depois ele saiu de J. Augusto e começou a treinar só?

V.S – Foi. Ele já tinha uma independência muito grande. Tinha um karateca aqui que chegou ao nível de Flávio, era o Lelesão⁶, e Doca de Zé Baleco⁷. Era muito bom. Treinavam juntos.

G.L – Aí na época, Flávio era um dos melhores aqui?

V.S – De aluno era, de combate principalmente, Lelesão, e Doca de Zé Baleco e Chi Zé⁸. Era uma turma que se destacava bastante.

G.L – Tinha muitos grupos de karatê na época?

V.S – Ah, aí foi tipo igreja hoje, foi se ramificando, criando raízes. Chi Zé fez a dele... Nós fazíamos apresentações em outras cidades, quebrava telha... aquelas coisas.

G.L – Aí, Valmário, tinha muita rivalidade entre os grupos? Os caras combatiam muito?

V.S – Tinha, mas cara, naquele tempo era até melhor porque era tudo resolvido no karatê mesmo, não tinha negócio de facada, de matar uma pessoa...Ali o combate se deu, passou, se alguém desafiasse uma pessoa, você trocava ali, e acabou por ali. Resolveu ali e pronto. Sabia quem era o melhor e pronto. Tinha uma rivalidade, mas pra mim era uma rivalidade sadia, porque se você queria pegar um combate com um cara você marcaria. Chegava pra um mestre, um professor e tudo, era um negócio mais civilizado. Tinha aquela rivalidade e acabaria com aquilo naquele instante.

G.L – Aí assim, a pessoa negava os desafios ou ninguém podia negar?

⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁸ Nome sujeito à confirmação.

V.S – Ah, era espírito de combate. Nem que perdesse, mas tinha que ir porque senão você ficaria constrangido e ao mesmo tempo, era tipo uma desmoralização para o mestre e pra você, você não aceitar um combate daquele. Não teria como você sair de cabeça erguida sem aceitar o combate, mesmo sabendo que poderia ser um pouco inferior.

G.L – Tinha muitos campeonatos na época?

V.S – Na semana do município⁹, tinha vôlei, karatê, tudo. O karatê era padrão, tinha exame de faixa, depois combates e tudo, era bem organizado, em plena praça. O pessoal gostava tanto que o pessoal foi expandindo, Antonina¹⁰, Potengi¹¹, geralmente chamavam os karatecas daqui para fazer demonstrações em outras cidades, pra você ver como o nível estava ficando alto.

G.L – E assim, quem era o melhor lutador da época?

V.S – Agora você me pegou, porque eram todos bons, Chi Zé no chute voador, Joaquim em braço, Flavão sempre foi muito bom de perna, Leleção, aí cada um tinha sua peculiaridade.

G.L – Mas assim, nos desafios, quem era mais desafiado, quem se destacava mais nesses desafios?

V.S – Era muito imprevisto, você sentia que aquele cara estava em seu nível e você queria chamar pra testar sua capacidade, aí você já marcaria o combate e iria. Aí era muito bonito, porque tinha o apoio do mestre. Agora os combates mais conhecidos eram os desafios que tinham. Flavão aceitou um desafio de um cara chamado He Man¹², que desafiou a cidade. Eu também aceitei um. Eu fui até criticado aqui em casa, porque

⁹ Semana de festejos municipais.

¹⁰ Nome sujeito à confirmação.

¹¹ Nome sujeito à confirmação.

¹² Nome sujeito à confirmação.

minha mãe não queria saber disso, aí eu coloquei o nome raposão, lutei com Romeu¹³, um cara que chegou de fora. Os combates mais importantes eram os de fora. Os daqui ficavam só entre nós mesmos. Os professores nunca entravam.

G.L – Aí assim acontecia na época, além desses desafios, algumas brigas de rua?

V.S – Raramente, porque assim, não era aprovado pela academia não. Porque ninguém gostava de você estar sendo incomodado em rua não. Os mesmos mestres reclamam. Era no tempo do corredor, o cara chegava na academia e tinha que passar no corredor. Além de apanhar na rua, tinha que passar pelo corredor.

G.L – O karatê em Campos Sales chegou a ser marginalizado?

V.S – Sim, principalmente por conta da polícia.

G.L – Por que?

V.S – Por que a gente ... A gente era forte, não batia em ninguém, mas não levava desaforo pra casa, então naquele tempo a gente ia pra uma discoteca, não gostaríamos de ser repreendidos por eles, com a farda mesmo, e Flavão, e eu também, tivemos alguns atritos com policiais... A maior rivalidade era com policiais. J. Augusto era policial, mas era contra o que o pessoal... Discriminam a gente “é, os karatecas velhos, querem ser muita merda e tudo... Negócio de luta, artes marciais... pensam que são melhores que os outros, uma bala resolve”...

G.L – Mas vocês brigavam mesmo com a polícia?

V.S – Sim, principalmente à paisana, com a farda nem tanto, mas acontecia também. Em discoteca e tudo.. Ninguém abria não.

G.L – Aí como aconteciam essas brigas?

¹³ Nome sujeito à confirmação.

V.S – Eles é quem vinham, procuravam qualquer forma, o cara passava, eles xingavam... Primeiro a gente procurava J. Augusto, e ele procurava orientar os amigos de farda. “rapaz, os meninos estão se queixando e tudo...” tentava evitar, mas às vezes não dava, e aí aconteciam os atritos. Eles não gostavam da gente, a gente não gostava deles... Aí geralmente sobrava...

G.L – Qual foi um fato que te marcou muito?

V.S – Um fato que foi inspirador pra mim, foi o desafio de Flávio, aceitar o desafio desse cara que era um monstro, e ele aceitou o convite. Aí logo depois chegou outro cara desafiando o pessoal, e eu era amarela, se não me engano, na academia de Flavão. Me inspirei em Flavão e aceitei o desafio, aí a gente nunca abriu mão. Naquele tempo era assim, desafiou tinha que ir, e assim, tinha que respeitar karateca de Campos Sales. Todo mundo achava a gente com um nível bem alto. Geralmente o pessoal vinha de Fortaleza pra fazer exame de faixa e se surpreendia.

G.L – Aí Flavão era legalizado pela federação?

V.S – Flávio sempre treinou por conta. Mas me lembro que Joaquim convidou ele, mesmo sendo um pouco rival, pra participar desse exame de faixa, e acho que ele foi de marrom para preta, mas não sei se Flavão chegou na federação. Aí na federação a gente era um nível, porque tinha os custos e isso dificultava os exames, e na outra¹⁴, não tinha isso. O próprio professor da academia fazia o exame que era quase igual ao da federação. Não precisava pagar pra federação. Na academia de J. Augusto, no dojô de Flavão, era tudo assim. Agora Joaquim era da federação. Tinha que pagar para o mestre vir de Fortaleza, era tudo custeado pelos alunos.

G.L – Aí, Valmário, qual foi o seu nível máximo de graduação?

¹⁴ Clandestina.

V.S – Na federação eu cheguei a vermelha, e na clandestina, cheguei a marrom. Eu ia fazer até a preta, mas aconteceram uns imprevistos e aí não aconteceu.

G.L – Você praticou o karatê por quantos anos?

V.S – Uns 6 anos sem parar. Onde tinha treino eu estava dentro, treinei com Flavão, J. Augusto, Joaquim... Buscava aprender o máximo de técnicas.

G.L – Obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]